# Kautsky e as origens históricas do centrismo na esquerda

VALÉRIO ARCARY
PROFESSOR DO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE SÃO PAULO

O centrismo, como um dos fenômenos crônicos do marxismo no século XX, nasce com Kautsky. O centrismo é uma das mais perenes manifestações das tremendas pressões em que está imersa a representação independente dos trabalhadores. Trata-se de uma corrente política, curiosamente, pouco estudada no Brasil. Curiosamente, porque é um dos países em que sua influência tem sido mais expressiva nas últimas duas décadas.

Já se escreveram rios de tinta sobre as duas principais tendências em que o movimento marxista se dividiu neste século: reformistas e revolucionários. Mas essa visão é insuficiente. Ocorre que o campo reformista, sempre foi muito heterogêneo, e isso, na verdade, é o mínimo que se pode dizer, também, do campo revolucionário. Despreza-se, todavia, o fato de que o marxismo anterior à revolução russa, não se dividiu somente em duas, mas, essencialmente, em três grandes tendências: o centrismo é a terceira.

Quando a maioria do *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* (SPD, o Partido Social Democrata Alemão) votou os créditos de guerra em 1914, somente os spartakistas de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, que vieram a fundar o KPD em 1918 em unificação com outros grupos, se opuseram. Mas, posteriormente, a corrente centrista rompeu, também, com o SPD e constituiu o *Unabhängigen Sozialdemokratischen Partei Deutschlands* (USPD, o Partido Social-Democrata Independente). Durante a República de Weimar, o USPD viveu intensas pressões, tanto da esquerda revolucionária, fortalecida pelo triunfo da Revolução Russa, quanto da social-democracia. Uma parte, dirigida por Kautsky, voltou para a Segunda Internacional e se reunificou com a maioria, e outra parte se unificou como Partido Comunista. Esse deslocamento de uma parcela dos quadros do centrismo foi decisivo para garantir uma base de massas para o marxismo revolucionário na Alemanha dos anos 1920.

Menos orgânica, talvez, que as outras duas, o centrismo demonstrou, todavia, ter a mesma longevidade de seus adversários em outros processos revolucionários: na Espanha durante a Guerra civil dos anos 1930, na Europa depois de 1968, em especial na revolução portuguesa, o centrismo voltou a se articular como corrente político-intelectual. Poderia ser afirmado, e essa é uma opinião de muitos marxistas que merece ser considerada, que o estatuto de tendência histórica e orgânica do movimento operário seria impróprio para definir a corrente centrista. Defendem que o centrismo não é senão uma das variantes do reformismo ou, se preferimos, da adaptação às pressões socialmente hostis que se abatem sobre o movimento operário. Afinal, ele não manteve articulação internacional ou continuidade organizativa. Por outro lado, em inúmeros processos, o centrismo não foi além de uma ala esquerda do partido reformista com influência de massas ou, quando independente, um satélite dos aparelhos burocráticos. Ainda assim, pensamos que o centrismo deve ser reconhecido como fenômeno recorrente, porque estabeleceu, de alguma forma, uma tradição teórica e uma identidade política próprias.

Mas admitamos que são dois bons argumentos. De fato, em situações não revolucionárias, de estabilidade da dominação burguesa, o centrismo não foi além da gravitação em torno dos partidos reformistas, quando não foi diretamente absorvido. Já em situações revolucionárias, e sempre que exista um pólo revolucionário suficientemente forte disputando a direção das massas, o centrismo tem, invariavelmente, se dividido, esfacelado pelas terríveis pressões da luta de classes: se uma fração mais burocratizada é reintegrada no aparelho reformista, também é verdade que uma parcela mais próxima do ascenso das lutas populares pode evoluir para posições revolucionárias.

O rigor da análise exige, portanto, que diferenciemos o centrismo em variados centrismos: como todas as correntes vivas e inseridas na realidade turbulenta das lutas sociais e políticas, também o centrismo está sempre em evolução. Em cada realidade política concreta encontraremos tanto os "regressivos" que, mesmo tendo origem no marxismo, tendencialmente afastam-se da perspectiva anticapitalista, e os "progressivos", que independentemente de suas origens, podendo ou não ser marxistas, radicalizam-se na direção da revolução. Este processo de divisões e unificações não pode ser indolor e não ocorreu nunca de forma linear. Mas a experiência histórica em todas as grandes revoluções socialistas em países urbanos tem confirmado este prognóstico: os esseristas de esquerda na Revolução de Outubro, a esquerda operária do

USPD na Alemanha, os anarquistas na revolução espanhola, entre tantos outros exemplos, nos ensinam que o triunfo de uma revolução depende, entre outros fatores, da capacidade de unificação das forças revolucionárias.

Lembremos, também, que já foram sugeridas interessantes analogias históricas entre o Partido dos Trabalhadores brasileiro (PT) e o SPD alemão do início do século XX. Mas ainda não foi explorado o tema do centrismo no Brasil. Não parece mais polêmico que o "impulso de São Bernardo", que levou à afirmação do PT nos anos 1980, já se esgotou há muito tempo. O núcleo duro da direção petista já se passou, de armas e bagagens, para o terreno da defesa do regime democrático-liberal. Mas, assim como na experiência histórica na Alemanha, a "força de gravitação" do aparelho de um partido de massas no Brasil tem funcionado como a principal pressão que bloqueia o desenvolvimento de uma corrente revolucionária diante da nova geração.

Associada a essa força "newtoniana", que aprisiona como satélites a esquerda petista, opera uma seleção natural "darwiniana", que sacrifica os militantes com inclinações revolucionárias mas incapazes de se adaptar ao meio burocrático que favorece os arrivistas. Depois de algum tempo de resistência infértil, desmoralizam-se, sem deixar herdeiros. Quantos milhares de militantes não foram triturados por esta experiência, em especial na última década? Acontece, contudo, que, apesar desse desenlace pouco prometedor, a audiência do centrismo, entre nós, continua especialmente significativa já que a maioria das correntes que se reivindicam marxistas insistem em permanecer dentro do partido reformista majoritário. Também na Alemanha, a ruptura com o aparato reformista foi um processo longo e repleto de hesitações, senão de vacilações das próprias forças revolucionárias: Bernstein apresentou sua revisão nos últimos anos da década de 1890, mas o início da ruptura é posterior à deflagração da Primeira Grande Guerra, um intervalo de mais de quinze anos.[1]

1 O termo revisionismo (assim como a qualificação de ortodoxo, por razões inversas), presta-se a confusões e exige algum esclarecimento. Adquiriu, impropriamente, uma conotação pejorativa entre marxistas. Devido à vitória da Revolução Russa ficou associado a reformismo e a oportunismo. Mas existiram e existem diferentes tipos de revisionismo. Toda e qualquer corrente teórico-política que não se tenha esterilizado vive um permanente processo de revisionismo e, nesse sentido, todos os pensadores marxistas foram revisionistas da tradição, quando não de si mesmos. Por revisionismo, não se deveria entender, estritamente, nada além de um processo de revisão de idéias anteriormente estabelecidas. Qual o significado, ou a substância da revisão, é algo que só pode ser analisado em cada caso concreto. Nesse sentido, o próprio Marx foi, portanto, revisionista, permanentemente, da sua obra. E não poderia ter sido de outra maneira, a menos que se recusasse peremptoriamente a reavaliar as mudanças que

Kautsky, pode ser considerado, portanto, com justiça, um pioneiro do centrismo.[2] Se, nos dias de hoje, e na dimensão internacional, a maioria dos partidos comunistas se mimetizam em social-democratas, ainda que camuflando, na medida do possível, seus novos compromissos e inspirações, seria ingênuo ignorar a nova influência do centrismo, mesmo quando não reivindica Kautsky. No campo à esquerda da social-democracia, por exemplo, a grande maioria dos movimentos e organizações que se encontraram no Fórum Social Mundial de Porto Alegre, ainda quando defendem a necessidade de um novo internacionalismo, não evoluíram, do ponto de vista da estratégia, além do centrismo.

### *Uma Alemanha onde as reformas por cima, ocuparam o lugar da revolução por baixo*

Uma pequena síntese do contexto histórico pode ser útil para compreender a degeneração reformista da direção do SPD, o primeiro partido marxista que se alçou à influência de massas, a partir das eleições de 1890, e os marcos no qual Kautsky se afirmou como um de seus principais dirigentes.

ocorriam na realidade que o cercava e não aceitasse readequar as suas idéias a essas transformações. Assim, uma interpretação da obra de Marx que desconheça que se trata de um pensamento em construção seria, como é óbvio, um disparate. Merece ser observado, portanto, que revisionismo não é o mesmo que reformismo, e reformismo, por sua vez, não é o mesmo que oportunismo, embora tenham uma relação. *O reformismo é uma doutrina política* e *o oportunismo um comportamento político*. Assim, por exemplo, existiram variados tipos de reformismo, com as mais diversas fundamentações teóricas, mas coerentes. Já o oportunismo político deriva de idéias mais simples e, sobretudo, responde a pressões mais imediatas. Consiste no aproveitamento de oportunidades, a qualquer preço. Por definição, portanto, o oportunismo é errático. A querela do revisionismo ficou, entretanto, eternizada por essa denominação, porque foi a primeira grande polêmica, no coração do movimento operário organizado da época que colocava em xeque os fundamentos "graníticos" da teoria e do programa do marxismo.

[2] A apreciação mais famosa no movimento marxista acabou sendo a formulada por Lênin e, bem reapresentada no ensaio de Franco Andreucci. Importante, no entanto, observar que a apostasia de Kautsky é muito anterior à guerra. O seu centrismo foi regressivo: "Lênin tendia a sublinhar as conotações ideológicas (mas também sociais) das principais correntes do socialismo no período da Segunda Internacional: os oportunistas, isto é, tanto os que partiam das premissas do revisionismo bernsteiniano como os independentes delas, tinham desenvolvido uma política marcada pelo pragmatismo reformista; a 'esquerda', da qual os bolchevistas eram os máximos representantes; e finalmente os 'ortodoxos', entre os quais se destacava Kautsky, que tinham chegado pouco a pouco à apostasia, no início da guerra ou ligeiramente antes dela." Franco Andreucci. A difusão e a vulgarização do marxismo. In: Eric J. Hobsbawm (org.). *História do Marxismo.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, v. 2, p. 19.

A penetração do capitalismo na Alemanha foi tardia, como sempre insistiu Marx, que dava uma importância enorme ao bloqueio que representou a guerra dos Trinta Anos no século XVII e às seqüelas da Restauração na primeira metade do XIX. Na Alemanha da virada do século XIX para o XX, a economia mais dinâmica do capitalismo mundial, ao lado da dos Estados Unidos, o regime imperialista tinha, à sua cabeça, um Estado dirigido por uma dinastia prussiana com mentalidade aristocrática, que unificara o país com métodos bárbaros, isto é, com as botas do exército, cuidando de manter alguns dos privilégios medievais de uma classe proprietária de terras, arcaica e beligerante, os *junkers* da Prússia, que praticavam um culto "oriental" à autoridade do Kaiser.

O segundo quartel do século XIX testemunhou uma novidade histórica. A partir dos anos 1820, as ondas de impacto da Primeira Revolução Industrial atingiram a Alemanha. A industrialização ocorreu retardatária, mas, pelo conhecido processo das "vantagens relativas do atraso" saltou etapas, beneficiou-se do esforço descomunal dos pioneiros e deu lugar à construção de uma nova nação capitalista, nos marcos de uma inserção ainda semi-periférica no sistema mundial de Estados. Fugiu ao chamado "padrão clássico" da revolução burguesa: a modernização econômica impulsionada pelo segundo maior mercado interno da economia européia antecedeu, em muito, a unificação política. Quando as massas trabalhadoras urbanas começaram a entrar na cena política de forma mais independente, na década de 1840, a burguesia, apesar do controle do Estado pela classe latifundiária pré-capitalista, não podia mais se arriscar em alianças com os "dominados", as massas populares do campo e cidade. Esses eram as chamadas "classes perigosas".

A burguesia privilegiou como parceiros aqueles que, em "teoria", deveriam ser seus inimigos: o latifúndio prussiano. Mas a História é sempre mais complexa do que os modelos teóricos. Por isso, esses precisam sempre ser reatualizados. As circunstâncias desse processo eram "impuras": tarde demais para uma revolução burguesa antiaristocrática, mas cedo demais para uma revolução proletária anticapitalista. Não podia, portanto, deixar de atrair a atenção do marxismo revolucionário do início do século XX, que ofereceu distintas interpretações para a unificação sem revolução política do Estado nacional na Alemanha e a passagem da monarquia absoluta para uma semiparlamentarista, mas, também, semibonapartista: "via prussiana", como

sugeriu Lênin, ou "revolução passiva", como adiantou Gramsci. No entanto, para o que interessa ao nosso tema, o que é significativo é que os dominados, justamente pelo seu peso social, porque poderiam ameaçar a estabilidade do regime, tiveram de permanecer numa posição subalterna. O terror "da e na" Revolução Francesa excitava os ódios de classe. Esse processo, na sua essência, ainda que com formas distintas, se repetiu na Itália. Assim, a caracterização da particularidade alemã permitirá compreender porque, apesar de contar com elementos "pré-capitalistas", inclusive na direção do processo, teve como resultado a constituição da mais jovem porém, em tendência, mais poderosa economia capitalista da Europa.

Sua estrutura capitalista cresceu de forma excepcionalmente dinâmica e acelerada depois da vitória na guerra franco-prussiana de 1870. Mas, à custa da preservação de instituições estatais obsoletas e ultracentralizadas. Nessa permanência reside o paradoxo: a sobrevivência do Estado forte, longe de ter sido um obstáculo, foi a chave de solução do problema. O Japão viveu um desafio histórico semelhante, mas em condições mais dramáticas: na década de 1850, o comodoro Perry, à frente de uma Armada americana, estacionou na baía de Tóquio exigindo a abertura comercial dos portos. O perigo de uma colonização como a que então atingia a China, o antigo Império do Meio, depois da Guerra do Ópio, abateu-se sobre a Terra do Sol Nascente. A revolução Meiji teve como principal tarefa deslocar o poder do shogunato, para que o Estado pudesse abrir o caminho da acelerada industrialização e militarização.

Nos dois processos, portanto, as novas classes burguesas ameaçadas, ou pelo protagonismo das classes populares ou pelos perigos abertos pela hegemonia de outros Estados no mercado mundial, recorreram a alianças sociais "atípicas" e confluíram no sentido da defesa de um Estado hiper-centralizado.

A Alemanha tinha, também, uma formação econômico-social com elementos acentuadamente desiguais. Um amálgama de grande e moderna indústria na parte ocidental, expressão de uma centralização precoce de capitais, convivendo com o latifúndio de baixa rentabilidade na parte oriental. Um enorme proletariado de origem camponesa recente e uma expressiva pequena-burguesia proprietária sustentavam uma burguesia com pretensões aristocráticas e uma nobreza ainda pouco aburguesada.

Essas espantosas desproporções do tecido social e das formas políticas do Segundo Reich herdadas do passado explicam porque, na Alemanha, *as reformas por cima ocuparam o lugar da revolução por baixo*, o que levou a democracia a nascer com uma debilidade visceral e a modernização capitalista a ser um processo inconcluso. Por isso, desconheceu a forma republicana antes da derrota na Primeira Guerra. Nesse sentido, a Alemanha era o inverso da França: chegou mais tarde à industrialização, mas com um impulso muito mais forte. Saltou a etapa das longas décadas da primeira fase da Revolução Industrial, que só conheceu de forma epidérmica em algumas partes da Saxônia e no Reno. Mas, simetricamente, a democracia surgiu organicamente frágil e sem a "vitalidade republicana", ou seja, a necessidade por parte da classe dominante de aparentar um "exercício legítimo" do poder, que três revoluções deixaram como herança na França. Em uma palavra: na Alemanha, a democracia-liberal nasceu submetida a uma ameaça bonapartista da monarquia e limitada por uma vida parlamentar inarticulada e sem substância, enquanto o Estado se fortalecia sob a égide da burocracia civil prussiana e a tutela de um exército com mentalidade imperialista e equipado com os mais modernos armamentos.

Enfrentemos o problema histórico. A dialética das relações entre revolução e democracia-liberal (entendida, sumariamente, como regime de dominação burguesa em que a usurpação do poder se legitima através da representação pelo voto), encontrou soluções políticas muito diferentes em distintos países. Eis-nos diante de um dos paradoxos do mundo contemporâneo: nos países imperialistas, onde a democracia-liberal não teve como parteira a revolução antiaristocrática, ela se revelou historicamente instável e vulnerável, senão fugaz, mas a modernização econômica foi excepcionalmente acelerada. Mas, onde ela nasceu das mobilizações de massas, a revolução proletária encontrou o mais poderoso dos obstáculos. O apego das amplas massas às conquistas democráticas das gerações anteriores, a liberdade de organização e expressão e o direito de voto, demonstrou-se historicamente muito arraigado. E uma das razões dessas ilusões "democratistas" das massas, essa ingênua esperança na alternância dos partidos no poder, foi a colaboração dos partidos reformistas em defender os regimes democrático-liberais.

A maior das desproporções, todavia, residia nas ambições anexionistas. O lugar da Alemanha "recém chegada" na competição pelo mercado mundial, onde a hegemonia inglesa ainda se afirmava, mesmo que ameaçada pelo crescimento geométrico dos Estados Unidos e pela ascensão fulminante

do Japão, colocava um desafio histórico que não correspondia às suas forças. A burguesia alemã ansiava pelo seu Império e alimentava uma ideologia nacionalista exacerbada e entusiasmada. Um programa imperialista que lhe era exigido pelas possibilidades de crescimento abertas pelo *boom* econômico do final do século XIX. A história revelou que os apetites do imperialismo alemão só poderiam ser saciados pela via do militarismo e da guerra. A sua voracidade cobrou dezenas de milhões de vidas em duas guerras mundiais, que destruíram o país e arruinaram a Europa, abrindo o caminho para uma situação revolucionária continental.

## *Kautsky, o "Papa" da Segunda Internacional*

Na aurora do século XX, tanto a ossificação teórico-dogmática no interior da Segunda Internacional quanto a adaptação social do SPD ao regime monárquico-liberal na Alemanha, estavam muito longe de ser claras. Mesmo para a embrionária corrente marxista-revolucionária que iria se reunir em Zimmerwald com um atraso de pelo menos dez anos para resistir à capitulação da maioria dos partidos socialistas diante dos seus imperialismos, quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial. A exceção era a esquerda do partido alemão, em especial Rosa Luxemburgo.[3] Como exemplo da autoridade política e da estatura pessoal que Kautsky gozava diante da geração mais nova, podemos conferir o

[3] Bernstein era muito consciente da duplicidade de atitudes do partido e se nos congressos do SPD suas teses teóricas eram condenadas, na vida prática de intervenção política, em todas as esferas, sindical, eleitoral, parlamentar, eram cada vez mais hegemônicas as conclusões do debate doutrinário que ele tinha provocado. Era também consciente das forças nas quais se apoiava e da verdadeira dimensão de sua influência. A assim chamada ala "revisionista" do SPD tinha quatro grandes componentes (a) a tendência politicista de Vollmar, influente dirigente na Baviera, precursor da votação dos orçamentos provinciais e das coligações eleitorais com os partidos burgueses, defensor dos governos de coalizão, à la Millerand e Jaurés; (b) a tendência "aparelhista" de Auer, o secretário nacional de organização do partido, na sua maioria quadros profissionalizados, ex-operários, preocupados com a política prática, educados no empirismo e defensora, acima de tudo, da unidade do aparelho, conservadora do "método" do partido alemão, ou seja, da utilização da legalidade a qualquer preço; (c) a tendência nacionalista, abertamente pró-imperialista, dirigida por Heine, defensora da militarização e das aventuras coloniais, entusiasmada com a potência exterior do Reich e a conquista de um novo lugar para a "civilização alemã" no disputado mercado mundial; (d) a última e mais importante componente era a tendência sindical, os dirigentes profissionais dos sindicatos, que contribui com sua influência decisiva para engrossar, com os grandes batalhões da vanguarda organizada, as forças do reformismo, era movida por uma oposição aos princípios marxistas e pelo ceticismo, senão desconfiança e ódio à revolução.

retrato que Trotsky desenhou dele, em sua autobiografia: "Encontrei Kautsky pela primeira vez em 1907. Foi Parvus quem me levou até sua casa. Foi com grande emoção que subi as escadas daquela limpa casinha de Friedenau, nos arredores de Berlim! Deparei-me com um velhinho alegre e com cabelo branco e claros olhos azuis, que me cumprimentou em russo. A primeira impressão, unida ao que eu sabia sobre ele através dos seus livros, fez com sua figura me fosse muito simpática. O que mais me agradava era a total ausência de vaidade, ainda que isso se devesse – como vim a compreender mais tarde – à autoridade indiscutível que gozava então e à serenidade interior que isso lhe causava. Seus inimigos o chamavam de 'O Papa' da Internacional, tratamento que às vezes também lhe dispensavam carinhosamente seus amigos (...) Kautsky entendia que sua missão era a de conciliar o reformismo com a revolução. *Sua formação ideológica datava da época reformista*."[4]

Uma melhor compreensão do seu lugar pode ser ilustrada por um breve apanhado histórico da forma evolutiva do desenvolvimento das forças do SPD. Fundado em 1875, com a fusão da organização herdeira de Lassale e o agrupamento de Bebel e Wilhelm Liebknecht, foi perseguido pelas leis anti-socialistas de Bismarck entre 1878 e 1990, tendo a sua atividade restringida a uma ação semi-legal. A partir de então, participou regularmente dos processos eleitorais e chegou a atingir espantosos 34,7% de todos os votos, em 1912, convertendo-se na mais poderosa bancada no Reichtag, o parlamento nacional alemão, com 110 deputados.

Antes do seu suicídio moral de agosto de 1914 e do colapso político durante a República de Weimar, tinha superado um milhão de filiados, à maneira alemã, isto é, ativistas que com regularidade freqüentavam reuniões. Publicava 90 jornais, entre diários e semanários, em todas as principais cidades, com algo próximo a 1,4 milhão de assinantes e leitores. Impulsionava uma organização de mulheres e outra da juventude, além de uma extensa rede de influência: dirigia inconteste todo o movimento sindical, estava à frente do movimento de cooperativas, das organizações esportivas, culturais e mutuárias da classe trabalhadora. Tinha milhares de funcionários em todas essas organizações e no próprio aparelho do partido.

[4] Leon Trotsky. *Mi vida*. Bogotá: Pluma, 1979, p. 169. Grifos nossos. A tradução desta, como de todas as demais citações deste artigo, foram feitas por Waldo Mermelstein.

## A defesa da democracia como dogma do "quietismo" político

Kautsky foi, antes de tudo, um dirigente desse aparelho do SPD. Exerceu enorme influência no marxismo organizado em escala internacional durante vinte anos. Além de um teórico *strictu sensu* (nessa condição foi, por muitos anos, o teórico oficial do SPD e, portanto, a máxima autoridade em marxismo) era um polemista respeitado. A estratégia de Kautsky elevava a posição de legítima defesa, uma posição tática, muitas vezes necessária em função da situação política, a uma estratégia única e permanente. Isto é, a defesa da democracia, em dogma do quietismo: "Nos países civilizados modernos é a classe proletária a que tem mais fé em si mesma e em sua causa. Para isto não tem necessidade de forjar ilusões, (...) basta-lhe considerar a marcha das coisas em nossa época para extrair dela a certeza de que sua vitória é inevitável. *Não há, pois, motivo para esperar que o proletariado perca facilmente sua calma e seu sangue frio e inaugure uma política de aventuras nos países onde alcançou um elevado grau de desenvolvimento (...) Em troca, não se pode depositar a mesma confiança nas classes dirigentes. Elas sentem e comprovam seu debilitamento gradual, e como se tornam cada vez mais inquietas e temerosas, seus atos são cada vez mais imprevistos*. Entram, a simples vista, em um estado de ânimo de que cabe esperar um repentino acesso de raiva, *que as fará precipitar-se com cego furor sobre o adversário, para abatê-lo*".[5]

Vale a pena recordar que Kautsky vinha de uma origem humilde. Nunca se diplomou, embora acompanhasse a produção acadêmica. Ao lado de Bebel, viveu o apogeu do sucesso do primeiro partido marxista com influência de massas. Defensor da necessidade da conquista do poder de Estado pelo partido operário, mas inimigo de sua destruição; partidário da tática de acumulação de forças lenta e gradual, mas adversário da participação minoritária em governos de colaboração de classes, como a de Millerand na França; "padrinho" dos russos na Internacional e até apaixonado da idéia de uma revolução democrática que derrubasse o czarismo, mas advogado da possibilidade de uma "via inglesa" para o socialismo; Kautsky era um mestre da ambigüidade política. Podemos conferir alguns elementos de sua trajetória no excelente trabalho de Angel: "Desde 1898, ele admitia a possibilidade

[5] Karl Kautsky. *O caminho do poder.* São Paulo: Hucitec, 1979, p. 46. Grifos nossos.

de uma via inglesa ao socialismo. Sua preocupação pela unidade o colocava ao lado de Bebel. Como ele também, baseava-se sobre as leis naturais da economia mais do que sobre o papel da consciência; ele acabava por atingir o mesmo fatalismo econômico oposto a Marx e Engels e, da mesma forma que Bernstein, considerava inconcebível a destruição do Estado e a supressão de toda burocracia. O revisionismo teria como ponto forte em seus contra-ataques a acusação de passividade política contra o teórico da social-democracia alemã, descobrindo com perspicácia a falha nas defesas de seu adversário. Para mim, a tática de Kautsky se deixa conduzir de uma forma fatalista a um impasse. Ele rejeita tanto a tática centrada na [possibilidade] da catástrofe e a tática de desgaste paulatino preconizada pelos adversários da catástrofe".[6]

Seu lugar na direção da revista do SPD, a *Die Neue Zeit (O Novo Tempo)*, lhe garantia relativa autonomia em relação aos vários "centros de poder" no SPD, inclusive em relação à sua corrente. Ele alinhava-se com o centro, mas se apoiando na direita, ao lado de Bebel, Auer e W. Liebknecht: equilibrava-se entre as conflitantes influências do "núcleo duro" dos dirigentes sindicais, dos parlamentares, do aparelho interno de profissionais, ao mesmo tempo, que temia a esquerda. Trotsky nos apresenta o papel de Kautsky, recordando um episódio pitoresco: "Sua amizade com Rosa Luxemburgo coincidiu com sua melhor época de trabalho intelectual. (...) Havia nele uma aversão orgânica contra tudo aquilo que significasse a transposição dos métodos revolucionários para o solo alemão. Quando estava visitando Kautsky, momentos antes da realização da manifestação do parque de Treptov, deparei-me com Rosa Luxemburgo, que estava discutindo acaloradamente com ele. *Ainda que o tom entre eles fosse de amizade, não era difícil perceber a raiva contida nas réplicas de Rosa (...) Fomos juntos à manifestação, Rosa, Kautsky, sua esposa, Hilferding, (...) e eu. Durante o trajeto houve discussões bastante ásperas. Kautsky queria assistir a manifestação como mero espectador; Rosa Luxemburgo queria nela intervir.* Aquele antagonismo latente levou a uma ruptura total em 1910. (...) Foi nesse momento que Kautsky desenvolveu *sua filosofia da estratégia do esgotamento frente à da*

6 Pierre Angel. *Eduard Bernstein et l'evolution du socialisme allemand*. Paris: Marcel Didier, 1961, p. 169-170. Grifos nossos.

*conquista e destruição. Na polêmica enfrentavam-se duas tendências irreconciliáveis. A que Kautsky apoiava defendia, no fundo, a adaptação cada vez mais completa ao regime existente*."[7]

Rosa Luxemburgo opunha-se a essa concepção, ao mesmo tempo, quietista e fatalista. Isso porque compreendia, pelo menos desde a Revolução Russa de 1905, que a "estratégia da revolução em defesa da democracia", mascarava uma deserção do projeto socialista. Qual era o conteúdo da "tática alemã"? O regime democrático-monárquico estaria, segundo a direção do SPD, ameaçado pela direita militar-imperialista, que não hesitaria em utilizar os métodos do terror político face à crescente influência do SPD. A revolução seria necessária, mas somente diante de um golpe. E o perigo do golpe era, sempre, iminente: poderia ocorrer preventivamente, diante de uma vitória eleitoral do SPD, para impedir a posse ou depois da posse. Por isso, a fórmula estratégica de revolução somente em condições de "legítima defesa", para fazer respeitar o sufrágio universal.

Rosa resistia a esta linha política, não porque tivesse qualquer pudor em defender a democracia em unidade de ação fosse com quem fosse diante de uma ameaça bonapartista. Mas porque duvidava que houvesse qualquer incompatibilidade entre a presença legal do SPD e o regime monárquico do Kaiser: "Seria um resultado muito miserável e grotescamente insignificante da Revolução Russa o fato que o proletariado alemão extraísse dela, como querem os camaradas Frohome, Elm e outros, como única lição, a maneira de utilizar a forma extrema de luta, a greve de massas, *como mera força de reserva para o caso da supressão do voto parlamentar, debilitando-a, portanto até o ponto de convertê-la em meio passivo de defesa parlamentar*. Quando nos tirarem o direito de voto, resistiremos. Isso é evidente (...), a defesa do modesto direito de votar não é uma inovação violenta, senão o primeiro dever de todo partido de oposição."[8]

Na versão defendida por Kautsky, a interpretação não só economicista para a política e evolucionista para a história, mas "quietista" como tática, fatalista como estratégia, e germanista como programa, elevou-se ao patamar

[7] Leon Trotsky. *Mi vida*. *Op. cit.*, p. 169. Grifos nossos.

[8] Rosa Luxemburg, Huelga de massas, partido y sindicatos. In: *Obras escogidas*. Bogotá: Pluma, 1976, p. 255.

de paradigma. Passou a ser uma chave de explicação da cultura socialista do período do início do século XX.

### *A cultura política do kautskismo: adaptação, quietismo, fatalismo e programa nacional-germanista*

Com a publicação, ainda em 1899, de *Bernstein e o Programa Social-democrata,* Kautsky assume a dianteira na condenação do revisionismo na Internacional: é ele o primeiro a questionar os fundamentos da apostasia. Responde com erudição aos truques polêmicos de Bernstein: reivindicar Marx contra os marxistas, ou o velho Marx contra o jovem Marx, um caminho depois percorrido por muitos outros. Devolve na mesma moeda, observando que não era incomum a evolução do liberalismo ao marxismo, mas o caminho inverso se fazia pela primeira vez.

Arriscaremos indicar três elementos definidores do centrismo de Kautsky: (a) *uma atitude quietista* diante da possibilidade de uma crise decisiva do capitalismo, conhecida como teoria do colapso ou desmoronamento. Essa perspectiva alimenta uma *estratégia do desgaste por oposição à estratégia do aniquilamento*. Em outras palavras, a defesa do aproveitamento da legalidade como a nova "tática". O SPD esperava o momento em que a *necessidade histórica* iria se manifestar, de forma inapelável, pelo crescimento dos votos, dos filiados, dos sindicatos em um processo linear, até que estivessem maduras as condições para o acesso ao poder de um governo do partido operário. Mas *para defender a democracia.*

(b) *uma atitude fatalista* diante da inexorabilidade da vitória, concebida como um processo ininterrupto de acumulação de forças, em todos os terrenos e, em especial, por meio da participação eleitoral. Um tempo de espera em que não há lugar para a iniciativa política: nem pensar em campanhas de mobilização que podem despertar a represália do governo. Não se desejam as viradas bruscas nem as inflexões imprevistas. O centro da tática resume-se à máxima cunhada por Kautsky: *nem provocar, nem colaborar.* Aguardar, portanto, que, como os rios carregam as águas para o mar, a história levará, na lentidão de seus ritmos, de crise em crise ou de eleição em eleição, a social-democracia ao poder.

(b) última e, possivelmente, mais importante, *uma atitude germanista*, isto é, um arraigado nacionalismo alemão que via o futuro do socialismo

inseparável dos destinos da luta dos trabalhadores na Alemanha e o SPD como uma espécie de partido-mãe na Internacional que tem a sua autonomia política acima de qualquer critica, limite ou controle.

Seria unilateral, esta apresentação do lugar de Kautsky na discussão de estratégia? Seu papel na historia do marxismo é inseparável do curso de uma polêmica que assume formas novas, e muito mais claras, somente depois de 1914. Aí sim de maneira inapelável. A duplicidade de suas posições teórico-políticas parece, contudo, assombrosa.

### *Um centrismo burocrático: saindo de costas, mas fingindo que estava entrando de frente*

Kautsky foi centrista de "esquerda" sob o impacto da revolução russa de 1905 e centrista de "direita" sob a pressão do SPD para a defesa do regime nos anos que antecederam o grande sucesso eleitoral de 1912. Era reivindicado em público por todas as alas e criticado por todos, em reservado, pela hesitação em alinhamentos permanentes. Encontraremos, portanto, em sua obra, necessariamente, diferentes "kautskys". Muitos dos seus ensaios foram unanimemente recebidos e apreciados pelos contemporâneos como clássicos do marxismo.

Na verdade, a posição de Kautsky é esquiva e, freqüentemente, nesse como em outros temas, usa e abusa de fórmulas como o "sim, mas", essencialmente elípticas e que, a rigor, se neutralizam. Dependem muito de uma interpretação de ênfase. Ou seja, variam em função de quais objetivos políticos persegue, qual é o centro do debate, e se a delimitação principal está sendo buscada à esquerda ou à direita. Reconhece a mudança de época com a irrupção do imperialismo e até prevê a possibilidade da guerra quando polemiza com a direita, mas defende a continuidade do parlamentarismo como tática. Nesse sentido, Colletti tem razão quando se pergunta até que ponto seria possível dissociar Kautsky de algum parentesco com o catastrofismo economicista: "A mais importante posição de Kautsky sobre o problema das crises surge (...) por ocasião de uma ampla resenha do livro de Tugán-Baranovski. De certa forma, Kautsky mantém o ponto de vista (...) sobre a inexistência de uma 'teoria do desmoronamento' no pensamento de Marx e Engels, pelo menos na acepção de um desencadeamento mecânico e fatal de acontecimentos, tal qual fora apresentado por Bernstein ao criticar

essa teoria e Cunow ao defendê-la. Em essência, no entanto, o modo como Kautsky expõe o destino do capitalismo, contém o núcleo essencial dessa teoria, ainda que a libertando das formas mais ingênuas e irrealistas de uma catástrofe automática e repentina."[9]

Ao contrário de Bernstein, que previa uma continuação sem maiores turbulências do desenvolvimento capitalista, no pensamento de Kautsky ainda havia lugar para as crises. Kautsky admitiu que a crise do capitalismo manifestar-se-ia por meio de uma disputa pelo domínio do mercado mundial que ameaçaria com a guerra. Há, em Kautsky, o tempo da política. Reforma e revolução não são pensados como dois caminhos em alternativa e opostos, à maneira de Bernstein, mas como dois momentos da estratégia e da tática.

O impulso reformista apoiado no sucesso da tática da legalidade, o método alemão, uma *leitura unilateral* das sugestões de Engels sobre as novas características das revoluções de maioria, não se esgotaria enquanto a burguesia não tomasse a iniciativa de romper com a democracia, impedindo a chegada ao poder pelas eleições. E essa vitória era, para a direção do SPD, inexorável. Por isso, nunca lhe ocorreu propor ao partido a preparação para o *day after* de uma crise econômica catastrófica, *opondo-se ao reconhecimento de uma teoria do colapso em Marx*. Não é por outra razão que se opõe, irredutivelmente, a Rosa Luxemburgo, contra a proposta de greve geral e contra a bandeira de luta pela República. Greve geral? Só se viesse a ocorrer uma tentativa de golpe bonapartista. Mobilização de massas contra a Monarquia? De nenhuma maneira: por isso a censura ao artigo de Rosa no *Die Neue Zeit*. A política deveria ser governada pela espera da oportunidade sem riscos.

O "catastrofismo economicista" em Kautsky tem, portanto, uma mediação política. Mas, se considerava certa a possibilidade de ameaças à democracia, se viesse a ocorrer um levante bonapartista, *defendia o direito de revolução, mas somente como direito de insurgência defensivo*. Diante de um ataque contra a democracia, caberia ao proletariado, com a legitimidade de quem luta não só em sua autodefesa, mas também na defesa dos avanços civilizatórios da fase anterior, assumir o seu papel, e lutar pelo poder. Não era a forma "quimicamente pura" das previsões apocalípticas dos partidários da teoria do "colapso", como se pode conferir no trecho que se segue de Colletti:

[9] Lucio Colletti. *El marxismo y el derrumbe del capitalismo*. Mexico: Siglo XXI, p. 187.

"Supondo que uma 'teoria do desmoronamento' é uma teoria que quer demonstrar cientificamente as razões pelas quais o sistema está inevitavelmente – quer dizer, por causas bem determinadas e certas – destinado a terminar, se coloca esta pergunta: *em Marx há ou não uma teoria da derrocada?* O leitor advertirá que todas as questões que dividem os autores marxistas (...) conduzem a este ponto. Para alguns, negar que a obra de Max contém uma 'teoria da derrocada' significa trair seu pensamento, enfeitá-lo, privá-lo de toda energia; para outros, atribuir-lhe uma é uma traição dos intérpretes – ainda que de boa fé. Na incerteza de ambas as alternativas, seria muito bom (pelo menos para uma primeira orientação) que se pudesse fazer corresponder uma caracterização política com uma ou outra dessas posições. Mas outra complicação que gravita sobre o problema da teoria da derrocada é que esta divide os intérpretes tanto da 'direita' como da 'esquerda'. *Tanto Bernstein, o pai do 'revisionismo', como Rosa Luxemburgo, sua mais feroz e intransigente adversária, atribuem a Marx uma 'teoria da derrocada'. Por outro lado, tanto Kautsky, Lênin e o social-democrata Hilferding, como Bukharin, então comunista de esquerda, se opõem a tal.*"[10]

Colletti tem razão, não existe qualquer coincidência entre as posições políticas dos marxistas do início do século em relação à estratégia que encontre correspondência com o debate sobre a teoria do colapso. Os alinhamentos são, aparentemente, desconcertantes. Na raiz deste paradoxo estava uma profunda questão metodológica: a influência predominante no marxismo da Segunda Internacional de uma *concepção objetivista* do marxismo, que se expressou, entre muitos outros terrenos, no debate da teoria do colapso, na identificação de um limite intransponível para a acumulação do capital, sem considerar como determinação fundamental as lutas de classes, os acordos e rupturas que as classes fazem entre si para a luta em defesa dos seus interesses. Portanto, diferentes concepções sobre *as articulações entre os tempos da crise do capital e os tempos da luta de classes*, que são tempos diferentes, ainda que inseparáveis.

Kautsky reconheceu, também, que no período histórico anterior não se tinha aberto nenhuma situação revolucionária na Europa. Como sabemos, o lugar da previsão é muito polêmico. Kautsky foi um dos grandes analistas do

[10] Lucio Colletti. *El marxismo y el derrumbe del capitalismo.* Mexico: Siglo XXI, p. 35-36. Grifos nossos.

seu tempo e esteve, no debate marxista, entre os que defendiam a necessidade dos prognósticos: "Temos visto que em geral os marxistas não se mostraram tão maus profetas como se tem pretendido fazer crer; *é verdade que alguns deles têm-se equivocado sempre até aqui em um ponto, isto é, quando se tratou de determinar o momento em que se produziriam grandes lutas revolucionárias e deslocamentos de forças consideráveis no terreno político em favor do proletariado* (...) Nas últimas décadas não se deram de uma só vez as citadas condições (para uma situação revolucionária), pelo menos na Europa Ocidental. O proletariado não formava a maioria da população, e o Partido Socialista não era o partido mais forte. Se, não obstante, esperávamos a vinda próxima da revolução, era porque contávamos não só com o proletariado, *senão também com as massas revolucionárias da pequena burguesia democrática e com a multidão dos pequenos burgueses e camponeses que marchavam atrás*."[11]

Uma das características, pouco ressaltadas, do método marxista, que provoca urticária em toda a tradição empírica anglo-saxônica (e no Brasil, também, pelo peso crescente desta escola), é a defesa da indivisibilidade da apreciação histórica, da análise política do presente, e suas articulações com os cenários mais prováveis. Esses planos cruzados não devem se separar. Antecipar-se às tendências mais prováveis dos acontecimentos é vital e coloca o partido operário em condições invejáveis de vantagem comparativa em relação aos partidos burgueses. Em uma palavra, prever e agir em coerência não é diletantismo. Sempre e quando não se cometa o erro ingênuo de se apaixonar pelas próprias análises. Mas, o erro simétrico é ainda mais nocivo, ao reduzir a política ao empirismo mais canhestro e imediatista. Sobre este tema, Kautsky fazia um balanço no livro *O caminho do poder*: "Além disso, a insegurança que reinava antes de 1870 nos grandes Estados da Europa *desapareceu depois desta época, exceto na Rússia*. Os governos consolidaram-se, ganharam em força e estabilidade. Cada um deles, enfim, soube fazer crer à nação que representava seus interesses. É assim justamente como *no começo da época* que viu nascer um movimento operário durável e autônomo, isto é, desde 1860, *as probabilidades de uma revolução política diminuíram cada vez mais durante certo tempo, enquanto o proletariado, que cada vez mais tinha necessidade desta revolução e a imaginava*

[11] Karl Kautsky. *O caminho do poder*. São Paulo: Hucitec, 1979, p. 53-54.

*semelhante às revoluções realizadas depois de 1789, a esperava em um futuro próximo*."[12]

Mas, ao mesmo tempo, como devemos interpretar a defesa intransigente da acumulação de forças como estratégia, a legalidade como princípio, o desgaste como método, a espera como tática e, acima de tudo, o eleitoralismo como a política de todos os dias? Nas palavras de Kautsky: "O Partido Socialista deve, pois, evitar e ainda combater tudo o que equivalesse a uma inútil provocação das classes dirigentes, (...) um pretexto para originar na burguesia e seus bandos um ataque de canibalismo, por cujas conseqüências os socialistas pagariam. *Se declaramos que é impossível fazer revoluções, se julgamos insensato e até funesto o querer fomentar uma revolução, e se agimos conseqüentemente, não é certamente por amor a nossos governantes, senão apenas no interesse do proletariado militante*".[13]

Neste livro de 1910, Kautsky elege, sem hesitações, como inimigo número um a esquerda do próprio SPD. Já vão longe os anos do debate com Bernstein e da denúncia do revisionismo. Como se pode conferir, a principal preocupação é a prematuridade dos combates decisivos, o perigo das aventuras. Quanto à concepção do processo que seria aberto pela crise, Kautsky se expressa de forma clara, explicitando as relações que defendia entre o sujeito político, o partido, e o sujeito social, a classe: "O Partido Socialista é um partido revolucionário; *não é um partido que faz revoluções. Sabemos que nosso fim não pode ser conseguido senão por uma revolução, porém sabemos também que não depende de nós fazer essa revolução nem de nossos adversários impedi-la. De nenhum modo sonhamos, pois, em provocar ou preparar uma revolução;* e como não podemos fazer a revolução à nossa vontade, não podemos dizer absolutamente quando, em que circunstâncias ou sob que formas se cumprirá".[14]

Essa famosa citação revela que a revolução é pensada, essencialmente, como um fenômeno "objetivo", porém incerto. A vaga revolucionária decorreria do amadurecimento das contradições econômicas inerentes ao modo de produção capitalista e da presença de um sujeito social maduro

[12] Idem, p. 53-54. Grifos nossos.

[13] Idem, p. 47. Grifos nossos.

[14] Idem, p. 43. Grifos nossos.

para assumir o poder. Enfim, em uma palavra, revoluções "acontecem". Seria este critério histórico aceitável?

Num alto nível de abstração, Kautsky apareceria com a razão: somente em condições excepcionais e sob o impacto de catástrofes incontornáveis as massas irrompem na cena política com a força da sua ação direta. Nunca, na história, ocorreram revoluções de massas sem um elevadíssimo grau de espontaneidade. São necessárias mudanças brutais, para arrancar os trabalhadores do seu profundo conservadorismo, seja a resignação social ou a apatia política.

O marxismo tinha se afirmado contra o blanquismo, polemizando contra as concepções substitucionistas, que acreditavam na possibilidade de uma organização de revolucionários determinados a ocupar o lugar das amplas massas na luta pelo poder. Mas, toda a história da luta operária depois da derrota da Comuna de Paris já tinha demonstrado, também, que se as massas encontrassem *um ponto de apoio consciente* suas condições de vitória seriam certamente maiores.

### *As ambigüidades de Kautsky: nem provocar, nem colaborar*

Nesse sentido, as revoluções podem e devem ser definidas como um fenômeno histórico objetivo, já que escapam ao voluntarismo maior ou menor das forças políticas. São uma explosão das *forças sociais* contidas e represadas durante anos ou décadas. Mas, não deixa de ser curioso que uma sofisticada elaboração sobre a estratégia e a organização de classe como a de Kautsky, renuncie a dizer seja o que for sobre *a ação política revolucionária do partido*. Porque, mesmo a mais espontânea mobilização necessita de um ponto de apoio de organização. Mas a ambigüidade não é casual. Kautsky foi acusado de, por essa duplicidade, defender a bizarra fórmula de um "radicalismo passivo": "O que negamos é apenas a possibilidade de um partido operário formar, em tempo normal, com os partidos burgueses, um governo (...) Em todas as partes o poder político é um órgão de dominação de classe; o antagonismo entre o proletariado e as classes possuidoras é tão formidável que jamais o proletariado poderá exercer o poder conjuntamente com uma dessas classes (...) *o proletariado, ao contrário, exigirá sempre de um governo em que seu próprio partido está representado que os órgãos do Estado o assistam*

*em suas lutas contra o capital. Isto é o que deve levar ao fracasso qualquer governo de coalizão entre o partido proletário e partidos burgueses*."[15]

Portanto, segundo Kautsky, os marxistas não sonham nem em preparar nem em provocar uma revolução. Deveriam esperá-la. Entretanto, não há razão para a impaciência. A participação minoritária ou mesmo majoritária em um governo de coalizão é não só condenada, como denunciada. A crise virá, ou seja, o papel do sujeito social da transição histórica, o proletariado, é absolutizado, e o papel do sujeito político, o partido marxista, diminuído à poeira do acidental. A revolução encerra demasiados perigos para que se deseje antecipá-la: fica nas mãos dos trabalhadores. Não é uma tarefa dos socialistas preparar as massas ou prepararem-se a si próprios para os combates decisivos.

A crise revolucionária, que é pensada como um corolário de uma crise econômica de proporções colossais, seria precipitada pelos deslocamentos de classe inevitáveis, ficando reservado para a burguesia o papel de carrasco da democracia. E à revolução o papel de defendê-la. A menos que, antes deste desenlace trágico, finalmente viesse a ocorrer a tão esperada vitória eleitoral. Mas, atenção, esta leitura objetivista do que poderia ser a crise revolucionária, uma releitura do marxismo com forte influência evolucionista, não era só a de Kautsky.

Flertando à direita, não desdenhava a importância da luta por reformas como tática central. E, com astúcia, flertando à esquerda, insistia na perspectiva histórica de que uma crise revolucionária poderia se abrir na seqüência de uma crise econômica catastrófica. Aonde Bernstein ia até ao fim da linha e suprimia o programa máximo porque o passado da época de reformas deveria governar o presente, Kautsky ficava na metade do caminho: separava o programa máximo do mínimo, não se desembaraçando de nenhum.

Mas não podemos considerá-lo um centrismo progressivo, como o de correntes estranhas ao marxismo, que podem ter uma dinâmica de crescente aproximação, na prática, com as posições revolucionárias. Lembremos, para ilustrar, o exemplo dos esseristas de esquerda na Revolução Russa, ou dos "*amigos de Durruti*" na guerra civil espanhola. Foi, na verdade, o fenômeno inverso. Um centrismo regressivo que, sob a forma da defesa de uma "doutrina", sucumbiu à defesa da adaptação política do SPD. Depois de décadas do

[15] Idem, p. 6. Grifos nossos.

benefício (e das armadilhas) da legalidade, viu-se reduzido a ser uma oposição ao governo, mas integrado ao regime democrático-liberal, aceitando até mesmo as suas formas monárquicas a ponto de apoiar o militarismo e a guerra.

## *A Internacional federativa e as pressões do partido-mãe*

O internacionalismo de Kautsky foi muito diferente do de Marx. Sempre teve uma visão acentuadamente nacionalista, em particular a respeito do lugar central do proletariado alemão. Até o fim da vida permaneceu defensor de uma concepção de Internacional federalista. Ou seja, um mesmo modelo de organização e de regime interno para qualquer época e situação histórica. De tal forma, que não deveria haver qualquer tipo de centralização: "Veio finalmente uma abertura, a Internacional: mas após alguns anos esta desapareceu também, depois da queda da Comuna de Paris, e foi dissolvida na confusão. *Bem entendido, a Internacional tinha realizado a sua tarefa do modo mais brilhante, mas precisamente em virtude disso, os movimentos revolucionários dos diferentes países tinham-se tornado autônomos. Quanto mais crescia, mais a Internacional tinha necessidade de uma forma de organização mais elástica, que deixasse mais lugar às diferentes organizações nacionais.*"[16]

Admitamos que a teoria é curiosa. A Internacional só é necessária como um marco comum de intervenção, enquanto suas seções são pequenas. Afirmava que, à medida que os partidos operários crescessem, a Internacional perderia a sua capacidade de centro de análise e decisão política. Mas, se a Internacional deixa de ser uma necessidade justamente quando aumenta a influência dos maiores partidos e se aproxima a hora da luta pelo poder, por quê construí-la?

Este conceito é estranho ao pensamento e à prática de Marx, que sempre compreendeu: (a) que o centralismo na Internacional tem uma natureza qualitativamente distinta dos graus de centralismo que as seções nacionais podem e devem esperar de seus membros, porque é um centralismo sobre partidos e não sobre militantes; (b) que a Internacional por mais frágil que seja e por mais desproporcional que seja a influência de uma de suas seções, sempre seria um quadro de organização superior aos estreitos limites de elaboração de qualquer de seus partidos nacionais.

[16] Karl Kautsky. *As três fontes do marxismo.* São Paulo: Global, s.d., p. 78-79. Grifos nossos.

A seguir a impressionante declaração patriótica da fração de deputados social-democratas no Reichtag, quando votaram os créditos de guerra, abusando do álibi da ameaça do czar, explorando, portanto, a conhecida eslavofobia germânica: "Agora estamos perante a realidade brutal da guerra. O pavor de uma invasão inimiga ameaça-nos. *Hoje não temos de decidir a favor ou contra a guerra, mas sim sobre o problema dos meios requeridos com vista à defesa do país. A futura liberdade do nosso povo depende em parte, senão inteiramente, de uma vitória do despotismo russo, que se cobriu de sangue dos melhores homens do seu próprio povo.* Trata-se de dissipar esta ameaça, de garantir a civilização e independência do nosso país. Aplicamos um principio sobre o qual sempre insistimos: não abandonamos a nossa pátria na iminência do perigo. *Nisto nos sentimos de acordo com a Internacional, que sempre reconheceu o direito de todos os povos à independência nacional e à autodefesa, tal como, de acordo com ela, condenamos toda a guerra de conquista. Inspirados nesses princípios, votamos os créditos de guerra pedidos.*"[17]

A enorme dificuldade das organizações operárias de massa resistirem à dupla pressão do nacionalismo e das ilusões democratistas teve, na Alemanha, um primeiro ensaio de uma tragédia que ainda não se encerrou e da qual desconhecemos o capítulo final.

Kautsky estendia para o balanço do passado suas concepções federalistas e arriscava uma avaliação muito crítica da luta política da fração marxista dentro da Primeira Internacional, em um texto posterior ao desastre de agosto de 1914: "Todavia, na mesma altura, os dirigentes dos sindicatos ingleses que queriam avançar com os liberais sentiram-se pouco à vontade em virtude das tendências da luta de classe, quando nos países latinos o anarquismo bakuninista se revoltava contra a participação dos trabalhadores na política – *fenômenos que levaram o Conselho Geral da Internacional à aplicação mais rigorosa das suas atribuições centralizadoras, quando o federalismo se mostrava mais necessário do que nunca na organização. O intrépido navio conduzido por Marx encalhou neste recife*".[18]

Pensávamos que o recife em que naufragou a Primeira Internacional tinha sido a derrota da Comuna de Paris e o período de reação e refluxo que ela

[17] Apud Rosa Luxemburgo. *A crise da social democracia.* Lisboa: Presença, 1974, p. 25. Grifos nossos.

[18] Karl Kautsky. *As três fontes do marxismo*. *Op. cit.*, p. 78-79. Grifos nossos.

abriu. Mas descobrimos, segundo Kautsky, que Marx teria se equivocado ao buscar um patamar superior de unidade política no interior da Primeira Internacional, ainda que ao custo de irremediáveis divisões. Ainda sobre o escandaloso chauvinismo germânico dentro da Internacional e o funcionamento federativo com direito de veto do "partido-mãe" vale a pena conferir o balanço de Rosa Luxemburgo, que explica bem o espírito da época: "A social-democracia alemã era (...) a jóia da organização do proletariado consciente. A social-democracia francesa, italiana e belga, os movimentos operários da Holanda, da Escandinávia, da Suíça e dos Estados Unidos imitavam-na com um zelo sempre crescente. *Quanto aos eslavos, russos e social-democratas balcânicos, olhavam-na com uma admiração sem limites, por assim dizer, incondicional.* Na Segunda Internacional, o 'grupo de choque' alemão tinha um papel preponderante. Durante o congresso, no decorrer das sessões do Gabinete da Internacional Socialista, tudo estava dependente da opinião dos alemães. Em particular, por ocasião dos debates sobre os problemas postos pela luta contra o militarismo e sobre a questão da guerra, a posição da social-democracia alemã era sempre decisiva. *'Para nós, alemães, isto é inaceitável', vulgarmente era suficiente para decidir a orientação da Internacional. Com uma confiança cega, esta se submetia às diretrizes da poderosa e tão admirada social-democracia alemã: era o orgulho de todo o socialista e o terror das classes dirigentes de todos os países*".[19]

### *Por quê os centristas contemporâneos não reivindicam Kautsky?*

Até hoje a herança de Kautsky é polêmica. O fragmento que se segue, de Juarez Guimarães, procura fazer uma síntese do tema: "Apesar de um deslizamento progressivo em direção a um reformismo parlamentar coerentemente formulado (...) são evidentes as fortes linhas de continuidade nas reflexões de Kautsky. Essas se relacionam com a síntese muito particular do marxismo a partir de um racionalismo iluminista fortemente marcado pelo darwinismo e pelo positivismo (a ausência quase completa da influência do idealismo alemão e das leituras de Hegel), *o impacto do Anti-Dúhring de*

[19] Rosa Luxemburgo. *A crise da social democracia. Op. cit.*, p.12. Grifos nossos.

*Engels e o período de formação em estreito contato com este em Londres*. Este caldo de cultura originou uma visão determinista da história expressa através de um evolucionismo de fundo darwinista, que pensava o socialismo como uma resultante genética inevitável do próprio desenvolvimento das contradições do capitalismo."[20]

Reconhecemos que o autor tem um bom argumento: já vimos como Kautsky acreditava no "progresso universal", em uma suposta "lei de ferro" segundo a qual o mundo caminhava para o socialismo. Ignorava que o marxismo não é fatalismo, mas máximo ativismo. Mas acreditamos que lhe escapa o que é fundamental, por duas razões. Primeiro, porque parece inconsistente responsabilizar Engels pelas concepções semi-positivistas de Kautsky. É certo que o ambiente político-cultural do partido alemão e, por extensão, da Internacional era dominado, no método, pela influência do positivismo cientificista, e no programa, pela influência do determinismo objetivista. No entanto, não parece mais razoável, para um marxista, reconhecer que a influência dessas idéias no partido operário resultava, em primeiro lugar, de pressões ideológicas (e sociais) hostis? Não seriam essas pressões mais poderosas do que um texto ou passagem menos feliz de Engels? Não se deveriam procurar nessas pressões culturais, expressão de forças sociais burguesas sobre o SPD, as mesmas que se manifestavam nas bancadas parlamentares e na burocracia sindical, as causas últimas da capitulação ideológica do centrismo de Kautsky? Segundo, e em conseqüência, porque a relação entre teoria e estratégia está invertida: não é o determinismo que fundamenta o quietismo e o fatalismo, mas exatamente o contrário.

Não podemos ter acordo com esta interpretação. A responsabilidade de Engels, se é que existiu nesse terreno, parece irrelevante. Conhecemos os textos que são citados, reiteradamente, para justificar que Engels teria uma "paternidade" na exaltação da ciência e do progresso. Não estamos entre os ingênuos deslumbrados com as realizações da ciência e da técnica. Mas o certo é que, cem anos depois da querela do revisionismo, a primeira vez em que se teorizou a possibilidade de uma passagem para o socialismo através do respeito à institucionalidade burguesa e pela via do sufrágio universal,

[20] Juarez Guimarães. *Democracia e marxismo. Crítica à razão liberal*. São Paulo: Xamã, 1999, p. 88. Grifos nossos.

em um livro dedicado a pensar as relações do marxismo com a democracia, em que se afirma, como tese central, a defesa de uma "ambigüidade" dos socialistas com a democracia, o mais significativo que se tem para dizer em relação a Kautsky seria retirar a conclusão que, logo por responsabilidade de Engels, a ideologia do SPD era evolucionista, parece muito pouco.

A questão central é de outra natureza. Ocorreu, na verdade, uma curiosa injustiça com a memória de Kautsky. Poucos pensadores e dirigentes políticos foram e continuam sendo tão influentes, mas quase ninguém o reivindica. Nenhuma corrente organizada na esquerda o defende. Ficou condenado ao silêncio. Raramente é publicado. Por quê os centristas modernos não reivindicam Kautsky, e preferem se proteger sob o guarda chuva de Gramsci, por exemplo? Há uma história, por trás destes números de prestidigitação teórico-política.

A memória de Kautsky ficou para sempre associada ao desastre do 4 de agosto de 1914 e, sobretudo, à sua posição hostil diante da Revolução Russa. Ocorre que foi tão grande o prestígio de Outubro, que Kautsky ficou maldito. Para a social-democracia pós-1917, seus escritos são incômodos, porque cheios de referências à luta de classes e até à legitimidade da revolução. Por outro lado, a partir dos anos 1960, a crise do stalinismo no Ocidente teve como epicentro a Itália, onde o Partido Comunista detinha as mais poderosas posições no movimento operário. Foi na Itália que se iniciou o processo do eurocomunismo, ou seja, foi a vanguarda da social-democratização dos partidos que, até então, tinham mantido uma estreita fidelidade ao centro mundial do stalinismo em Moscou.

Mas, os recém convertidos à democracia como valor universal não podiam recorrer aos textos de Kautsky como fundamento teórico, porque vinham de uma tradição em que, pelo menos nas palavras, era preciso manter a referência à Revolução de Outubro. Sobrou para o pobre Gramsci o lugar de teórico oficial do eurocomunismo. Mas trata-se de uma dupla injustiça: nem Gramsci merece o papel de kautskysta "*aprés la lettre*", nem Kautsky merece a deserção dos reformistas e centristas. O que foi dito sobre a Itália, poderia também ser dito sobre as máscaras gramscianas usadas pela corrente majoritária do PT no Brasil e por grande parte do centrismo. Agregar uma terceira injustiça contra Engels não vai ajudar a esclarecer muita coisa.